

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA

BARBARA PRADO ZERBATTO

DIVERTIDAMENTE: UM OLHAR ANALÍTICO



CURITIBA

2016

BARBARA PRADO ZERBATTO

DIVERTIDAMENTE: UM OLHAR ANALÍTICO



Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós Graduação em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Psicologia Analítica.

Orientadora: Renata Cunha Wenth

CURITIBA

2016

BARBARA PRADO ZERBATTO

DIVERTIDAMENTE: UM OLHAR ANALÍTICO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Especialização em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, comorequisito parcial à obtenção do título de Especialista em Psicologia Analítica.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professor 1

Professor 2

Curitiba, ____ de Outubro de 2016

AGRADECIMENTOS

Com muito carinho agradeço:

A professora e orientadora desse trabalho, Renata Cunha Wenth por mostrar-se sempre disponível e não medir esforços para a orientação desse trabalho, se fazendo presente, cuidadosa e dedicada em cada encontro e e-mail trocados. Suas orientações foram fundamentais para me auxiliar no aprofundamento e na entrega desse trabalho, me ajudando a descobrir minhas próprias palavras e ideias.

A professora Jussara Janowski e demais professores e colegas da trajetória da especialização pelo conhecimento transmitido, experiências e trocas vivenciadas. Sou muito grata por ter conhecido e ter tido a oportunidade de conviver e aprender com cada um, especialmente às amigas queridas Franciele, Fernanda, Carla, Marina e Giselem.

Ao Paulo Souza e suas supervisões pertinentes e acolhedoras e a Laila Alves e as várias sessões de análise que me auxiliaram na construção desse trabalho.

Aos meus pacientes por me permitirem trabalhar com o que eu amo e por me confiarem seus universos particulares e acreditarem em suas próprias jornadas.

Aos meus pais, Jocimar e Silmara, e minha irmã, Bianca, por sempre me apoiarem, me amarem e acreditarem em meus objetivos e sonhos.

Ao meu noivo, Fernando, por me incentivar, amar e andar sempre ao meu lado, dividindo e multiplicando vivências.

RESUMO

O filme “Divertidamente” foi uma animação muito comentada e até premiada em 2015, e por retratar a temática das emoções e o mundo interno dos personagens humanos, o filme oferece inúmeras possibilidades de ser articulado com a Psicologia Analítica. Esse trabalho propõe uma visão deste filme sob a ótica da Psicologia Analítica, enfatizando as emoções, e em especial, a dualidade existente entre a alegria e a tristeza bem como o papel de complementaridade de opostos que elas assumem no filme e na realidade.

O presente trabalho parte do princípio de uma possibilidade de conexão da Psicologia Analítica com o cinema, nos quais os arquetípicos dramas humanos encontram-se retratados.

Palavras chave: Divertidamente. Psicologia Analítica. Emoções. Complexos. Alegria. Tristeza. Opostos.

ABSTRACT

The "Inside Out" movie is an animation that was much discussed and even award-winning in 2015, as the movie comes about emotions and the inner world of human characters, the animation offers many possibilities to be linked to the Analytical Psychology. This paper proposes to look at the film from the perspective of Analytical Psychology, emphasizing the emotions, and in particular the existing duality between the joy and the sadness as well as the role of complementary opposites that they take in the movie and in reality.

The present work starts from the principle of a possible connection between the Analytical Psychology and the Cinema, where the archetypes of human dramas are portrayed.

Keywords: Inside Out. Analytical Psychology. Emotions. Complexes. Joy. Sadness. Opposites.

LISTA DE FIGURAS

Figura da capa: Alegria e Tristeza.....	01
Figura 1: As emoções do filme Divertidamente	14
Figura 2: Esfera da Memória.....	15
Figura 3: Tristeza tocando a memória de Riley	16
Figura 4: As ilhas de personalidades	17
Figura 5: Desmoronamento da ilha de personalidade.....	19
Figura 6: Bing Bong encontra Alegria e Tristeza	20
Figura 7: Prateleiras das memórias a longo prazo	21
Figura 8: O túnel do pensamento abstrato	22
Figura 9: Tristeza consolando Bing Bong.....	23
Figura 10: Alegria assistindo a memória de Riley	25
Figura 11: Bing Bong desaparecendo no lixão das memórias	26
Figura 12: Painel de controle não responde aos comandos de Nojinho, Raiva e Medo	27
Figura 13: Família se abraça após Riley voltar para casa.....	28
Figura 14: Tristeza e Alegria atuando juntas.....	29
Figura 15: Novas memórias base, agora com duas cores combinadas	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
I. FILMES E PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	11
I.1.Divertidamente: o filme.....	13
II. EMOÇÕES: ALEGRIA E TRISTEZA: Um par de opostos.....	31
II.1. As emoções na Psicologia Analítica.....	31
II.2. Alegria e Tristeza.....	36
II.3. Os opostos na Psicologia Analítica.....	40
III.DIVERTIDAMENTE: Um olhar analítico.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55

DIVERTIDAMENTE
um olhar analítico

“Esta é a estória do nascimento da alegria.
De como da tristeza saiu o choro,
do choro surgiu o riso e
o riso virou perfume”.

Rubem Alves

INTRODUÇÃO

O filme “Divertidamente”, mesmo antes de tê-lo assistido, já havia despertado o meu interesse, somente por saber do que se tratava. Havia lido algumas matérias e comentários a respeito e o interesse só aumentou, chegando a se transformar no tema desta monografia. Sempre me interessei por desenhos animados, contos de fadas, mitos e fábulas e o enorme poder que exercem sobre as pessoas. Existem histórias milenares que até hoje são muito conhecidas e que marcam de forma significativa a história das pessoas.

A dinâmica dos opostos, um dos temas centrais do filme, é também um tema que desperta minha atenção, tanto em minha jornada pessoal quanto em minha prática clínica, onde sempre procuro contrabalancear os opostos que são trazidos pelos pacientes. Esta atitude ancora-se na Psicologia Analítica, na qual os opostos ocupam lugar importante e tem como uma de suas principais características ampliar a visão e buscar enxergar além do olhar unilateral. Nesse sentido, o objetivo da terapia é confrontar os opostos um com o outro, buscando o diálogo entre eles.

O filme Divertidamente é muito rico em elementos psicológicos e foi uma animação muito elogiada e comentada em 2015, ganhando inclusive o Oscar de melhor animação do mesmo ano. Este filme tem potencial de provocar reflexões psicológicas e também pode servir como ferramenta no processo psicoterapêutico, para falar das emoções. Conforme MONTEIRO (2012, p. 9): “Na atividade clínica, também os filmes se colocam como recursos técnicos de grande valor; eles nos falam à alma, vão ao recôndito de nós mesmos. Portanto, são eficazes recursos na ampliação da consciência.”

Além da utilização prática, a análise do filme é importante, pois ilustra aspectos teóricos da Psicologia Analítica bem como abre possibilidades de discussão sobre o papel das emoções e em especial concede importância à tristeza que na atualidade ocupa o lugar de algo a ser evitado. No filme, a tristeza deixa o papel de vilã e passa a ocupar uma outra posição: menos unilateral e com aspectos também positivos. É através da integração das emoções que a personagem principal consegue encontrar a saída para seu problema e a partir daí construir novas ilhas de emoções, mais complexas e maduras. Constituindo esta a ideia central deste trabalho: analisar o papel da

tristeza na psique e da integração entre as emoções, através da análise do filme *Divertidamente*.

Para tal, como primeiro capítulo deste trabalho é apresentada a importância e a relação dos filmes com a Psicologia Analítica além de uma apresentação do filme *Divertidamente*

No segundo capítulo, analisa-se as emoções na Psicologia Analítica. As emoções que aparecem no filme *Divertidamente* são: nojo, raiva, medo, alegria e tristeza. Este trabalho foca na alegria e tristeza e na dinâmica entre eles.

No último capítulo será apresentada uma articulação do filme *Divertidamente* com a teoria junguiana, um olhar analítico sob os aspectos ressaltados do filme.

Para nas Considerações Finais haverá a síntese dos principais pontos abordados no decorrer desse trabalho, além do fechamento da questão principal levantada nessa introdução: a análise do lugar e importância da tristeza na psique.

I.

FILMES E PSICOLOGIA ANALÍTICA

“Somos ‘tomados’ por suas imagens e não há como não sermos ‘tocados’ por elas.”
(MONTEIRO, 2012, p.9)

A psicologia se propõe a estudar e compreender tudo o que diz respeito ao humano: suas dores, suas vivências, sua alma e as expressões desta. As artes também procuram, entre outras coisas, olhar para o humano e expressar através de variadas formas sua existência. A relação entre psicologia e artes, portanto, é profunda e pode ser amplamente estudada.

As diversas formas artísticas têm o potencial de tocar em aspectos profundos da alma humana. A linguagem artística e psicológica é a mesma: a linguagem da alma. Na psicologia analítica, especialmente, as imagens e símbolos tem um valor significativo, são expressões de conteúdos arquetípicos da psique.

O cinema, por ser uma forma de expressão artística, oferece a visualização na tela de projeção, de aspectos psíquicos. Olhar para a enorme tela é como olhar para um espelho interior, em que é possível ver projetados os dramas da existência humana. Tal projeção pode ser uma possibilidade de autoconhecimento. Afinal, como coloca MONTEIRO (2012, p.8): “Os recursos da mitologia, literatura, cinema, televisão, etc., podem, cada vez mais nos inserir no campo do cultivo da alma, ou seja, do autoconhecimento.”

A projeção é uma forma de acessar os conteúdos internos, e com a tela de projeção do cinema não é diferente. Ao ver na tela os conteúdos internos projetados, o caminho de recolhimento destas projeções passa a ser possível. Como explicita MONTEIRO na citação também colocada na abertura deste capítulo: “Somos ‘tomados’ por suas imagens e não há como não sermos ‘tocados’ por elas.” (MONTEIRO, 2012, p.9)

Para sermos “tocados e tomados” pelo cinema as imagens ali apresentadas não precisam ser grandiosas e fantásticas. No cinema, cenas do cotidiano, a natureza de modo geral, são transformadas em arte. Essa transformação é uma resposta à Modernidade e o caos da superestimulação. O cinema, de alguma forma, organiza o caos e o transforma em prazer. Então, na

visão da analista Patricia BERRY, em seu texto sobre o cinema: “O cinema é a consciência moderna”. (BERRY, 2014, p. 251)

Psicologia e cinema se influenciam. As mudanças da psique humana podem ser vistas no cinema, assim como as produções cinematográficas interferem na maneira como as pessoas vêem os fenômenos (BERRY, 2014). Um exemplo evidente e atual disso são as várias personagens femininas como protagonistas de filmes recentes. Katniss Everdeen, de Jogos Vorazes, Furiosa, de Mad Max e Princesa Leia, de Star Wars que no último filme é tratada como “General” são alguns exemplos. Tais personagens apresentam características fortes e “empoderadas”, demonstrando uma nova faceta do feminino, antes fragilizado e passivo. Esse novo modelo caminha lado a lado com movimentos feministas e de valorização da mulher na sociedade atual.

Essa interação acontece justamente porque o cinema, de acordo com MONTEIRO atua como um:

“[...] Espaço Imaginal ou Imaginação Ativa - o inconsciente fluindo por si mesmo. Nesse processo, os arquétipos são ativados, surgem como complexos em nossa consciência; eles se materializam, tomam forma e vida [...].” (MONTEIRO, 2012, p.8).

Porém, nem sempre o espectador tem consciência de como é afetado pelo conteúdo que vê no filme. Os filmes têm a capacidade de mergulhar na alma humana, afetar e transformar, sem que necessariamente a pessoa perceba sua ação. É comum encontrar grupos de pessoas saindo com reações semelhantes de uma sessão de cinema; saem eufóricas em filmes de comédia e melancólicas em filmes dramáticos, por exemplo.

Aliás, o ser humano é afetado constantemente, seja por filmes, situações, pessoas. E ao invés de procurar compreender a natureza das emoções geradas, tenta se convencer de que governa sua própria vida, de que é dono de seu destino. Segundo JUNG (2011) quando se evita um afeto, esse passa a agir de forma descontrolada chegando até mesmo a dominar a pessoa afetada. Enquanto os afetos e emoções estiverem no controle, o ser humano continuará escravo de seu próprio inconsciente.

A sociedade atual, racional e cartesiana oferece à alma e suas expressões papel secundário. O lado lógico, racional e consciente é valorizado, enquanto o inconsciente, suas imagens e símbolos ficam em segundo plano.

Assim, cada vez mais se vive em um mundo sem alma, um mundo desanimado. Uma das tentativas de resgate da alma do mundo é apresentada no livro “Jung e o cinema” de MONTEIRO (2012), quando a autora cita Jung ao falar que a imaginação é uma das chaves fundamentais para a compreensão da obra alquímica, e nos dias de hoje, fundamental no processo de individuação.

A imaginação, então, pode ser acessada de diferentes formas e uma delas é através do cinema. Cinema aqui não se restringe aos renomados filmes concorrentes ao Oscar, com superproduções e enredos excelentes, mas diz respeito ao fazer cinema de todo dia. De certa forma, o tempo todo faz-se cinema, é como se o ser humano estivesse a todo o tempo encenando, dramatizando um filme. Patrícia BERRY (2014, p. 964) exemplifica da seguinte maneira: “Como no cinema, criamos a realidade ao enquadrarmos os eventos da vida, pondo foco em suas especificidades. Nossos ângulos, valores, interações constroem o mundo em que vivemos”.

No presente trabalho será analisado o filme *Divertidamente*, para tal segue uma pequena sinopse dele, bem como cenas específicas importantes para a reflexão conjunta com a Psicologia Analítica.

I.1. Divertidamente: o filme

Riley é a personagem principal do filme, uma menina de 11 anos que mora no estado de Minnesota/EUA com os pais. Nesta cidade tem amigos, participa de um time de hockey, os “Feras do Gelo”, e está adaptada à escola e à cidade. Porém, tudo muda quando Riley se vê obrigada a mudar de cidade por conta do trabalho do pai; a família então muda-se para San Francisco.

O cenário principal do filme, entretanto, é o interior do cérebro da menina, um tipo de painel de controle de suas emoções. Todas as cenas transcorrem da seguinte forma: são mostrados os personagens - em geral, Riley e os pais - e em outras tomadas de cenas o painel de controle com os personagens emoções, estas são personificadas.

Riley, e todos os outros personagens do filme, têm cinco emoções atuantes: Alegria, Tristeza, Raiva, Medo e Nojinho (fig.1). Cada uma das emoções tem características bem específicas: **Alegria** tem o formato que

lembra uma estrela, é brilhante, radiante e amarela. Sempre muito animada, encara as situações de forma otimista. O **Medo** lembra um nervo, é roxo e se desespera facilmente, sendo o responsável pela segurança de Riley. Já a **Nojinho** tem a função de evitar que Riley se contamine fisicamente e também cuida da interação social da menina. Seu formato lembra um brócolis, comida que aparece no filme como a que Riley não gosta. A **Raiva** lembra um tijolo, quadrado, vermelho e pesado e seu papel é lutar contra injustiças, se posicionando quando algo desagrada Riley. A **Tristeza** é azul e tem o formato de gota, como a lágrima. Em alguns momentos do filme aparece chorando e deitada no chão, enxerga as situações de maneira mais pessimista e tem facilidade em ouvir o outro e se colocar na posição deste.

Figura 1: As emoções do filme Divertidamente



Fonte: <http://filmes.disney.com.br/divertida-mente>

Riley vivencia diversas situações em seu dia a dia, por exemplo, é o mostrado um jantar com os pais ou quando ela se apresenta na escola e, conforme uma emoção específica é ativada e passa a comandar o painel de controle, o contexto dessa experiência assume as características deste jogo das emoções. Essas experiências geram as memórias de longo prazo, e cada uma das memórias tem uma cor que condiz com a emoção envolvida naquela memória: as amarelas provêm da Alegria, as azuis da Tristeza, as vermelhas da Raiva, as verdes da Nojinho e as roxas do Medo. As memórias de longo prazo são representadas no filme por esferas coloridas de acordo com a emoção específica (fig. 2). Em cada “bolinha de memória”, ao olhar para o

interior desta, é possível visualizar um filme do momento que produziu a memória.

Figura 2: Esfera da Memória



Fonte: http://pt-br.disney.wikia.com/wiki/Orbes_de_Mem%C3%B3rias

Quando a família ainda estava em sua cidade natal a alegria era a grande protagonista do painel de controle das emoções de Riley, entretanto, com as diversas mudanças na vida da garota, esse panorama começa a se transformar. Casa nova, cidade nova, escola nova, colegas novos, idade nova são alguns dos conflitos que Riley passa a vivenciar em San Francisco. Assim, diante do novo cenário, pouco a pouco outras emoções começam a se expressar mais, por exemplo, apesar da tentativa da Alegria em ocupar a Tristeza com manuais e outras atividades desinteressantes para afastá-la do painel de controle, a Tristeza continua agitada e curiosa. No próprio painel de controle as emoções começam a entrar em conflito.

Riley vai para seu primeiro dia de aula e é convidada a se apresentar a seus colegas. Quando começa a falar sobre sua antiga cidade, as memórias são evocadas e aparecem como um filme no painel de controle. Porém, a memória de sua cidade e amigos que era alegre, ao ser tocada pela Tristeza quando estava sendo projetada neste momento, transforma-se de amarelo (cor das memórias alegres) em azul (cor das memórias tristes) (fig. 3).

Figura 3: Tristeza tocando a memória de Riley



Fonte: <http://culturaproximaleitura.com/2016/06/28/divertida-mente-filme/>

Após a apresentação de Riley, suas lembranças melancólicas e seu choro em sala de aula, uma memória base da cor azul aparece no painel de controle; a primeira memória base triste.

No filme, as chamadas “memórias base” são memórias dos momentos mais importantes da vida de Riley e cada uma delas molda um aspecto da personalidade da menina. Os aspectos da personalidade são tratados no filme como “ilhas de personalidade” (fig.4) e inicialmente as ilhas atuantes em Riley são a ilha do hockey, a ilha da bobeira, a ilha da amizade, a ilha da honestidade e ilha da família.

Figura 4: As ilhas de personalidades



Fonte: http://filmes.disney.com.br/galeria-de-imagens-de-divertidamente?image_id=5553927dd5491d04f60b769f

Com o surgimento da nova memória base triste no painel de controle, a Alegria tenta impedir que a memória continue sua trajetória e forme uma ilha de personalidade. A Tristeza por sua vez defende sua memória base e as duas emoções entram em conflito e acabam sendo ejetadas da sala de comando, junto com todas as memórias base de Riley. Assim, as memórias base de Riley se desprendem e as ilhas de personalidade da menina ficam desconectadas e se apagam. Neste momento, devido a esta desconexão/apagar das ilhas, Riley apresenta um estado psíquico desligado e deixa de reagir às situações.

Enquanto Tristeza e Alegria procuram uma maneira de retornarem à sala de comando, Raiva, Medo e Nojinho são quem estão no controle das emoções de Riley. A menina passa a se comportar de forma “esquisita”, como define Nojinho, e Raiva explica que Riley está assim porque “rolou um apagão”. As três emoções decidem tentar se passar por Alegria para controlar as emoções de Riley, mas como é de se esperar a estratégia não funciona; cada uma das três emoções age conforme sua natureza.

A alteração de comportamento de Riley é vista pela primeira vez na cena do jantar em família. Riley e seus pais estão jantando, e enquanto os pais

conversam a menina fica calada, até que a mãe fala sobre um teste para o time de hockey da cidade, e diferente da animação habitual a menina não demonstra interesse pelo assunto. Depois disso, a mãe ainda insiste no diálogo e pergunta como foi o dia da filha na escola e mais uma vez recebe uma resposta atravessada: Riley diz que o dia “foi até legal, eu acho”. A mãe então sinaliza para o pai, que até agora estava em silêncio, e ele pergunta novamente sobre a escola, Riley responde rispidamente que está legal e logo em seguida bufa. O pai repreende a filha e ela reage novamente de forma rude, até que o pai manda a menina ir para o quarto. Os pais estranham a reação da filha, que normalmente agia de forma mais branda, otimista e animada, pois tinha a Alegria na sala de comando.

Alegria e Tristeza ainda estão longe da sala de comando e inicialmente adotam a estratégia de retornar através das ilhas de personalidade, por ser o caminho mais rápido. Porém, as memórias base estão desconectadas das ilhas, o que faz com que as ilhas se desliguem e facilmente desmoronem. O desmoronamento acontece quando uma situação externa tenta ativar uma determinada ilha e não tem sucesso por esta estar desligada, por exemplo, quando o pai tenta brincar com Riley e não tem nenhum retorno da ilha da bobeira, quando Riley se enfurece com a nova amizade da melhor amiga de Minnesota e a ilha da amizade não oferece nenhuma resposta, e quando nenhuma memória do hockey é suficiente para ativar a ilha do hockey e Riley se saia bem no teste do time da cidade. Assim, neste momento do filme uma a uma dessas ilhas se desmoronam (fig. 5).

Figura 5: Desmoronamento da ilha de personalidade



Fonte: <http://www.bramare.com.br/2016/02/22/como-o-filme-divertidamente-nos-mostra-que-e-essencial-destruir-para-renascer/>

Na mente de Riley, Tristeza e Alegria encontram Bing Bong, (fig. 6) um antigo amigo imaginário da menina, que durante a infância esteve muito presente nas brincadeiras e imaginação, mas ele confessa que “amigos imaginários não tem sido muito solicitados ultimamente”. Bing Bong conhece todo o funcionamento mental de Riley e decide ajudar as emoções na missão de retornarem ao painel de controle.

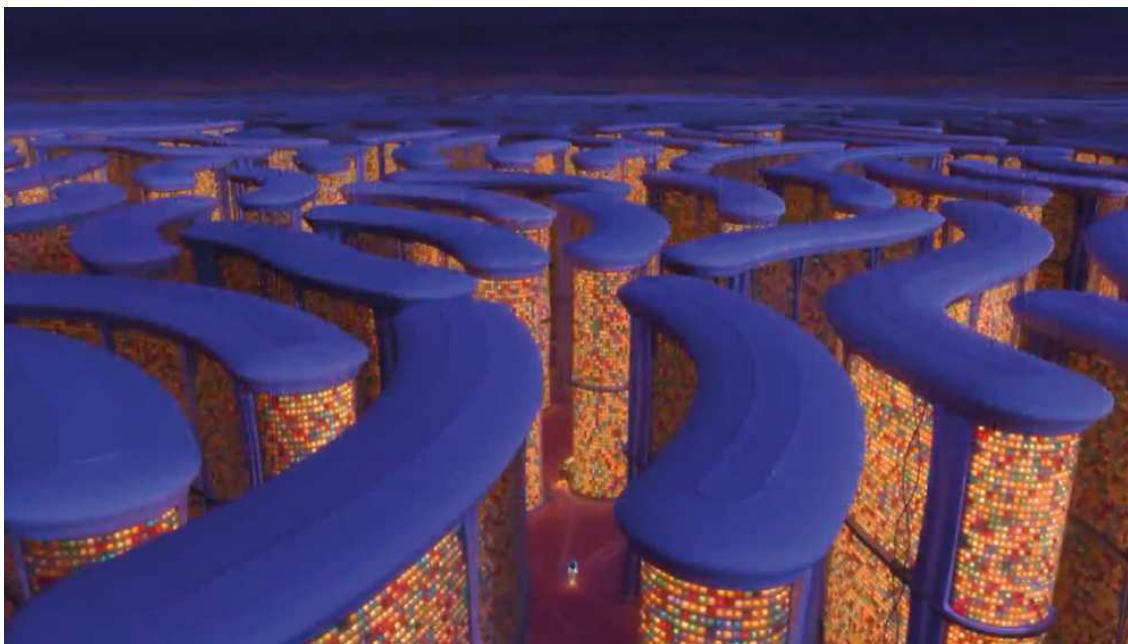
Figura 6: Bing Bong encontra Alegria e Tristeza



Fonte: <http://www.telegraph.co.uk/film/inside-out/spoilers-bing-bong-imaginary-friend/>

Assim como Bing Bong, uma infinidade de outras memórias ficam armazenadas no labirinto infinito das prateleiras das memórias a longo prazo (fig. 7). Os chamados no filme de “Mentalúrgicos” são os responsáveis por filtrar quais as memórias que permanecem e quais as que serão destinadas ao lixão das memórias, um depósito das memórias já esquecidas. Números de telefone que já estão armazenados no celular, aulas de piano, nome dos presidentes e de todas as princesas são exemplos de memórias que foram para o lixão. As memórias que vão para o lixão são memórias já desbotadas, e ficam assim quando não recebem atenção necessária para continuarem coloridas.

Figura 7: Prateleiras das memórias a longo prazo



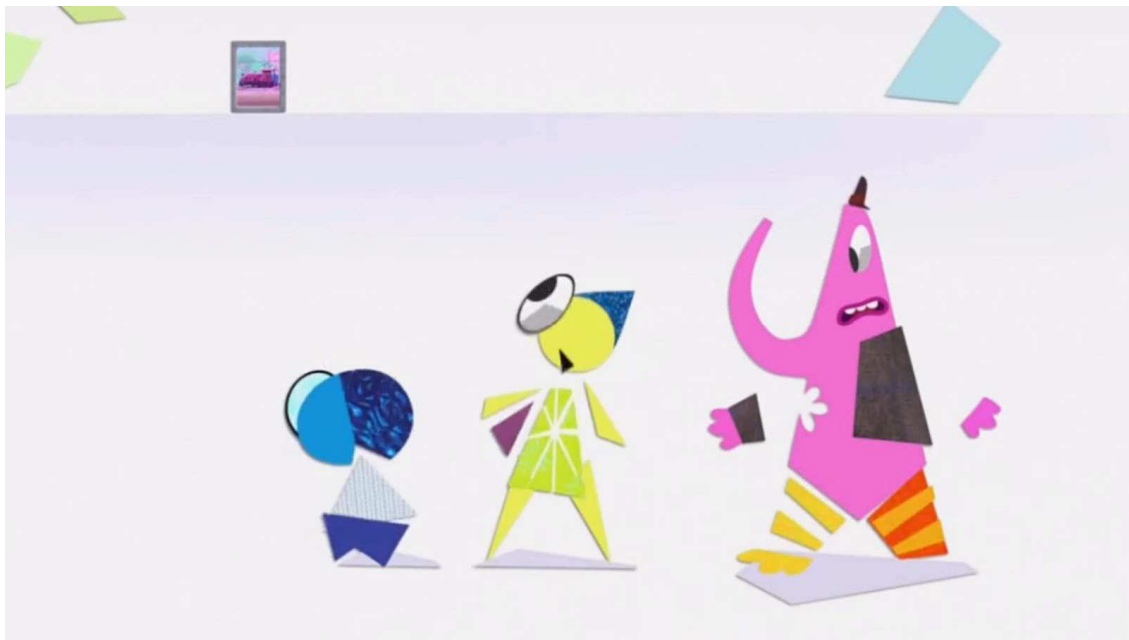
Fonte: <http://www.tudoquemotiva.com/2016/01/divertida-mente-inside-out-2015.html>

Para levar Alegria e Tristeza de volta ao painel de controle, e com isso reativar tais emoções em Riley, Bing Bong sugere que eles embarquem no trem do pensamento, que tem a função de levar os pensamentos até a sala de comando. O trem passa em vários lugares da mente de Riley, e uma das estações fica na terra da imaginação, para onde decidem ir. Bing Bong sugere que eles peguem um atalho, diz passar por lá o tempo todo e não ter problema, mas Tristeza não concorda com a decisão, pois leu no manual que esse atalho é muito abstrato. Tristeza avisa a Alegria sobre o risco do atalho, mas a Alegria prefere seguir Bing Bong para chegar o mais rápido possível até o painel de controle. Apesar de contrariada a Tristeza acompanha os dois pelo túnel do pensamento abstrato.

Logo que entram no atalho, os “Mentalúrgicos” aparecem e ligam o atalho, com a justificativa de darem uma limpada, após perceberem a porta aberta e enxergarem alguma coisa dentro do túnel. No primeiro estágio Bing Bong, Alegria e Tristeza ficam abstratos, “é uma espécie de fragmentação” explica Tristeza (fig. 8). Depois, num segundo momento, as partes de seus corpos começam a se separar, é a fase de desconstrução, então tentam juntar as partes espalhadas e correr. O terceiro estágio é quando ficam bidimensionais, e aí não conseguem sair do lugar. O quarto e último estágio é o

das formas simples e para sair do atalho a Tristeza tem a idéia de se jogaram contra o chão para que achatassem e conseguissem sair do túnel.

Figura 8: O túnel do pensamento abstrato



Fonte: <https://naosaoasimagens.wordpress.com/2016/02/15/divertida-mente-2015/>

Após conseguirem sair do túnel do pensamento abstrato, Bing Bong, Tristeza e Alegria vão até outra estação do trem do pensamento, pois depois do contratempo no atalho perderam o trem na estação da terra da imaginação. Passam então, pela terra da imaginação e em seguida pelo mundo pré-escolar, onde vários cenários estão sendo demolidos e os entulhos levados ao lixão do pensamento: o castelo de biscoitos, a montanha do pônei brilhante, o mundo das princesas, o museu dos ursos de pelúcia e até o foguete de Bing Bong, onde ele e Riley costumavam brincar.

Ao se deparar com seu foguete no lixão das memórias esquecidas, Bing Bong se dá conta de que Riley se esqueceu dele. Bing Bong se lamenta, e para animá-lo a Alegria tenta fazer cócegas, caretas e até inventar uma brincadeira para entretê-lo. A Tristeza, por outro lado, senta-se junto a Bing Bong e o consola, colocando-se no lugar dele e resgatando boas memórias que ficaram da infância de Riley (fig. 9). A posição empática de Tristeza é que possibilitou com que Bing Bong entrasse em contato com seu sofrimento para depois continuar seguindo em frente para a próxima estação.

Figura 9: Tristeza consolando Bing Bong



Fonte: <http://garenglazier.com/?p=563>

Com a situação fora do controle das emoções, a Raiva tem a ideia de fazer Riley retornar à Minnesota para a criação de novas memórias base boas. Para isso a menina teria que comprar uma passagem de ônibus escondida e fugir de casa. A princípio Medo e Nojinho hesitam, mas depois acabam concordando com a idéia. Movida pelas ideias destas emoções Riley começa a querer voltar para Minnesota e para comprar a passagem Riley precisa de dinheiro, então recorre até a bolsa da mãe e pega seu cartão para efetuar a comprar. Nesse momento do filme, mais uma ilha desmorona, dessa vez a ilha da honestidade.

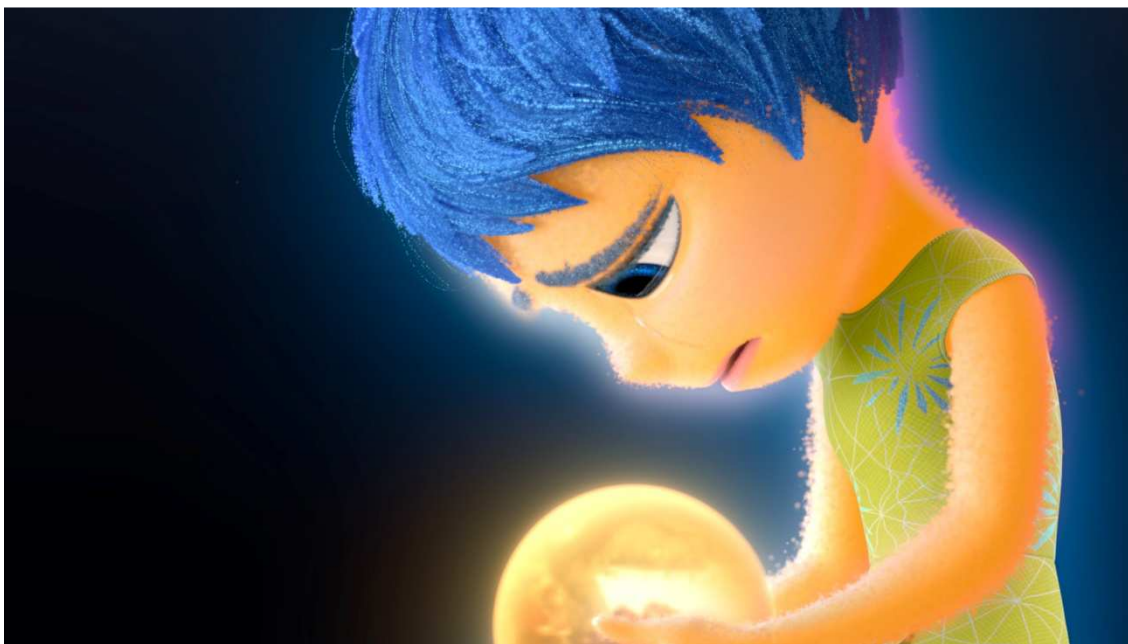
Quando a ilha da honestidade desmorona, Bing Bong, Alegria e Tristeza estão no trem do pensamento indo em direção ao painel de controle e no momento da queda da ilha são impedidos de continuarem seu trajeto. Ao desabar, a ilha provoca também o rompimento da linha do trem do pensamento, que o impossibilita de continuar seu caminho e o derruba com sua carga e seus passageiros. Os personagens escapam por pouco de caírem no lixão do pensamento e serem esquecidos.

Enquanto isso, Riley sai de casa para colocar seu plano de fuga em ação. Agora resta somente ilha da família, que está instável e pode desabar a qualquer momento. Para retornar à sala de comando, a Alegria tem a idéia de

recorrer ao “recordatubo”, um tubo que resgata as memórias das prateleiras e as leva até o painel de controle. A Tristeza tenta ir junto, mas ao chegar perto das memórias base alegres que a Alegria carrega com ela, a Tristeza acaba as colorindo de azul, deixando-as tristes. Alegria diz que precisa voltar sozinha, pois Riley precisa ser feliz, mas de repente o tubo se rompe devido a um desmoronamento no penhasco e a Alegria cai no lixão das memórias. Bing Bong tenta ajudá-la, mas acaba caindo junto no lixão.

Bing Bong e Alegria estão presos no lixão das memórias e destinados ao esquecimento. Alegria tenta, sem sucesso, escalar as memórias desbotadas para chegar à beira do penhasco, quando vê uma memória ainda bastante iluminada e chega mais perto para assisti-la. Após assistir algumas memórias de Riley, a Alegria chora e lamenta que só queria que a Riley fosse feliz e sua lágrima cai em cima de outra memória, que estava por perto e a Alegria se aproxima desta memória (fig. 10). A princípio a memória é alegre, e mostra Riley comemorando e rindo com os amigos do time de hockey e com os pais, mas ao analisar mais detalhadamente, a Alegria percebe que essa memória não começa aí. De fato, Riley havia perdido o último lance da final de um campeonato de seu time, os “Feras do Gelo” e a cena que aparece na memória mostra Riley sentada sozinha e cabisbaixa em uma árvore devido ao ocorrido. Os pais e os amigos do time vieram até ela e a consolaram e como consequência surgiu a alegria na cena, e a cena que era inicialmente azul passa a ser amarela.

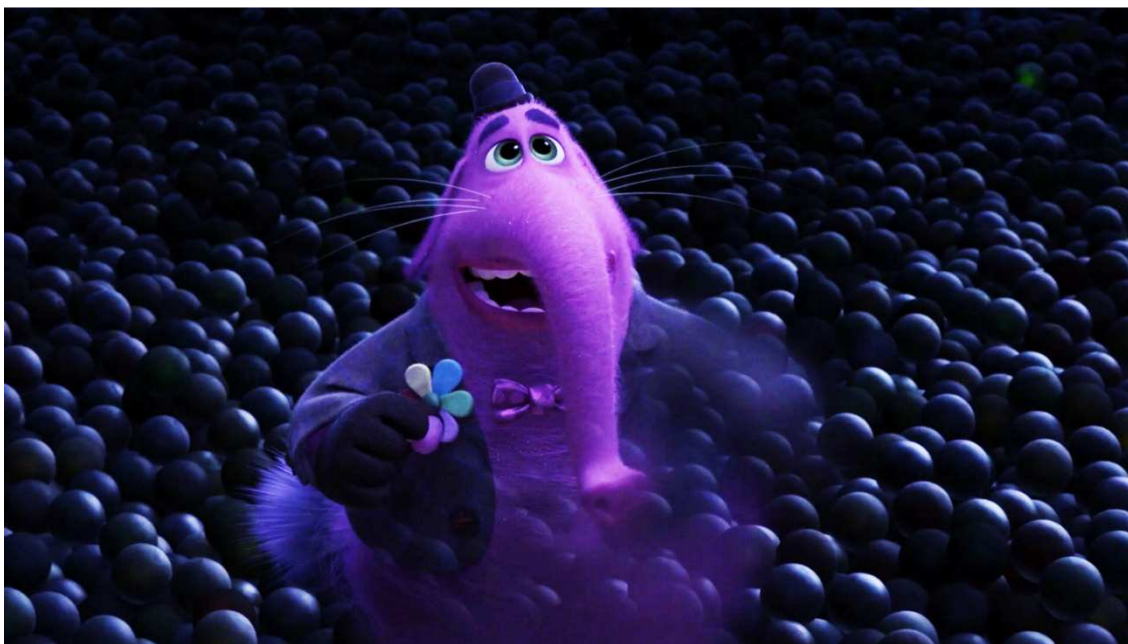
Figura 10: Alegria assistindo a memória de Riley



Fonte: <http://www.ocamundongo.com.br/divertida-mente-tristeza/>

Após se deparar com tal memória a Alegria retoma as forças para sair do lixão onde ela e Bing Bong estavam. Tem a idéia de cantar a música tema de Bing Bong para acharem seu foguete e o usarem para voarem para fora dali. Depois de várias tentativas, a Alegria consegue voar com o foguete para fora do lixão, mas diferente do que haviam planejado, Bing Bong fica. Bing Bong percebe que sua mão está desaparecendo e logo ele desaparecerá completamente das memórias de Riley e decide então aceitar seu destino e ajudar a saída somente da Alegria (fig. 11).

Figura 11: Bing Bong desaparecendo no lixão das memórias



Fonte: <http://moviepilot.com/posts/3926591>

Ao deixar o lixão das memórias a Alegria não vê a Tristeza por perto e vai procurá-la. Tristeza está tentando se afastar de Alegria e de Riley, pois acredita que só piora as coisas. Alegria, após ter assistido a memória completa da final do jogo de hockey, em que Riley primeiro se lamenta pela perda de um lance decisivo para depois poder se alegrar junto aos amigos, percebe que a Tristeza é também fundamental e as duas devem então voltar juntas à sala de comando e então vai atrás dela.

Riley, por sua vez, está levando seu plano de voltar para sua cidade adiante. Saiu cedo de casa dizendo aos pais que iria à escola, mas seu destino foi a rodoviária, não atende os telefonemas preocupados dos pais e decide entrar no ônibus de volta à Minnesota. Raiva, Medo e Nojinho até tentam evitar que Riley embarque no ônibus, mas agora parece que já é tarde para voltar atrás. O painel de controle parece estar estragado, começa a ficar todo escuro e já não responde aos comandos (fig. 12).

Figura 12: Painel de controle não responde aos comandos de Nojinho, Raiva e Medo



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/575827502336351778/>

Finalmente, Tristeza e Alegria conseguem retornar à sala de comando, quando a Alegria recorre a várias cópias do namorado imaginário de Riley para chegar até o trampolim que ainda restava na ilha da família e pegar impulso para voar para a sala. Tristeza por sua vez estava chorando em cima de uma nuvem, quando é surpreendida pela Alegria que a resgata e voam até chegarem à janela do painel de controle.

Riley estava sem responder aos comandos das emoções, até que a Tristeza chega e assume o painel de controle da menina. Pouco antes de o painel ficar completamente preto a Tristeza consegue tirar a lâmpada da idéia da fuga do painel, e então Riley desiste da viagem e pede que o motorista do ônibus a deixe descer.

Riley chega em casa e é recepcionada pelos pais cheios de perguntas, preocupações e alívio ao verem a filha de volta. Nesse momento, no painel das emoções, a Alegria oferece todas as memórias base amarelas para a Tristeza, que as toca, colorindo-as de azul e em seguida projeta as memórias no pensamento de Riley. A menina, depois de ter lembrado vários momentos significativos de sua vida, chora e consegue falar para os pais como sente falta da Minnesota, dos amigos, do time de hockey, e que queria ir embora para lá. Frente à revelação da filha, pai e mãe também se abrem e confessam que

também estão sentindo falta de sua antiga cidade e a família então se abraça (fig. 13).

Figura 13: Família se abraça após Riley voltar para casa



Fonte: <http://www.pixarpost.com/2015/03/new-international-inside-out-trailer.html>

A Alegria, nesse momento, entrega à Tristeza a memória base triste, do primeiro dia na escola em San Francisco, e a Tristeza por sua vez leva a Alegria para o painel de controle para que as duas atuem juntas naquele momento (fig. 14). Ambas as emoções estão presentes naquele momento e essa nova dinâmica possibilita a criação de um novo tipo de memórias base, agora com duas cores combinadas (fig.15).

Figura 14: Tristeza e Alegria atuando juntas



Fonte: <http://8tracks.com/sharksfood/you-ll-need-sadness-to-find-joy>

Figura 15: Novas memórias base, agora com duas cores combinadas



Fonte: http://pixar.wikia.com/wiki/Core_Memories

Além das memórias com mais de uma cor, a sala de comando ganha um painel repaginado, com mais botões e controles e novas ilhas de personalidade passam a surgir. O filme termina com um jogo de hockey de Riley em seu novo time com as emoções se revezando no comando do painel.

II.

EMOÇÕES: ALEGRIA E TRISTEZA

“Não há transformação de escuridão em luz, nem de inércia em movimento sem emoção” (JUNG, 2014, OC IX/1,§ 179).

II.1. As Emoções na Psicologia Analítica

A proposta de escrever o teorizar sobre as emoções já é em um primeiro momento uma vivência dos opostos. De um lado está o trabalho intelectual da construção de um conhecimento: uma experiência racional, fundamentada no ego e em sua capacidade de direção. Por outro lado, quando se fala em emoções a vivência dessas se dá através do sentir, do irracional e inconsciente. Assim, a tentativa de alcançar as emoções através da racionalidade da escrita é um trabalho de aproximação dos opostos e como todo processo de aproximação dos opostos, envolve também conflito, como afirma LÓPEZ-PEDRAZA:

“[...] escrever sobre emoções é difícil, pois qualquer escrito tende a ser racional e isso já é conflitivo porque, ao tratarmos de nos aproximar do mundo emocional a partir da razão, torna-se evidente que existe uma grande diferença entre esses dois aspectos da natureza humana”. (LÓPEZ-PEDRAZA, 2010, p. 9)

O entendimento das emoções na Psicologia Analítica é fundamental para compreender o funcionamento da psique, pois para JUNG a psique é composta de complexos de tonalidade afetiva, ou emocional. De acordo com JACOBI (1987, p.28), para Jung: “[...] Todas as pessoas têm complexos; eles fazem parte do lado inconsciente da psique e dos fenômenos normais da vida da psique, qualquer que ela seja.”

LÓPEZ-PEDRAZA em seu livro “As emoções no processo psicoterapêutico” (2010, p.21) afirma que: “O complexo envolve uma emoção histórica – ou seja, um pedaço da história do paciente que é predominante em sua psique - , e esta é a manifestação do que Jung chamou de tom emocional do complexo”. A forma como as pessoas são afetadas pelos complexos está

então, intimamente relacionada com a história e as experiências vivenciadas. Conforme a pessoa vive, os complexos são atualizados através desse contato da realidade. Antes da vivência em si há somente o potencial, o arquetípico, que é comum a toda a espécie, faz parte do inconsciente coletivo.

Essa dinâmica das vivências dos complexos pode ser ilustrada através do filme *Divertidamente* ao pensar na experiência de Riley com o hockey, por exemplo. O hockey é uma atividade do interesse de Riley e só pode ser descoberto através do contato da menina com o esporte, a estimulação da atividade na família e amigos. Sem o contato com o esporte não haveria complexo, pois não haveria o que ser atualizado e vivido emocionalmente. Nesse caso, é a partir das experiências anteriores que os tons emocionais passam a ser possíveis, com as alegrias surgindo nas vitórias e as tristezas nas derrotas, por exemplo.

Não há lugar mais apropriado para falar de emoções do que a psicoterapia. A psicoterapia oferece lugar para que o sentir apareça, e na contra mão do que a atualidade prega, valoriza as vicissitudes das emoções. É possível refletir, elaborar e até mesmo ressignificar as emoções que são trazidas nas sessões. A psicoterapia então se propõe a acolher as emoções da alma humana. E como afirma LÓPEZ-PEDRAZA (2010, p. 9): “A alma é o que eu chamo de campo das emoções, e a psicoterapia, trabalho ao qual me dedico, é meu campo para observá-las e vivê-las”.

Porém, os complexos nem sempre aparecem de forma direta e nítida. Um complexo não desaparece até esgotar-se, até porque o esgotamento das emoções é impossível. O aparecimento dos complexos se dá de forma gradual e cíclica, em que o complexo que aparece hoje vem com uma roupagem diferente do que foi trazido anteriormente. Muitas vezes, as emoções mais difíceis de aparecerem são as mais significativas dentro do processo psicoterapêutico, como defende LÓPEZ-PEDRAZA (2010, p. 23): “Devemos aceitar que o mais precioso em psicoterapia é o aparecimento de emoções irracionais que estiveram fortemente reprimidas e que poderiam ser assimiladas ao se manifestarem no corpo ou corporificando-se”.

A todo o momento os complexos estão em ação, o próprio eu consciente é um complexo, o complexo egóico, o mais consciente e carregado de energia. Muitos são os complexos inconscientes e quanto maior o grau de inconsciência

destes, maior é sua autonomia. Estes conteúdos inconscientes, até então desconhecidos, irrompem a consciência e aparecem. Essa invasão do inconsciente no consciente perturba e surpreende. Reações involuntárias e autônomas surgem, e a pessoa afetada passa a reagir de modo diferente do convencional. Uma pessoa normalmente ponderada e polida pode ter acessos de raiva intensos, fazendo com que as pessoas a sua volta, e até ela mesma, estranhem seu comportamento. Quanto mais violenta for essa manifestação, mais inconsciente e autônoma estão as emoções. Nesse momento, o consciente assume uma posição secundária e o inconsciente passa a ser protagonista da situação: “[...] Quanto mais violento for um afeto, tanto mais ele se aproxima do patológico, isto é, daquele estado em que a consciência do eu é posta de lado por conteúdos autônomos, antes inconscientes.” (JUNG, 2014, OC IX/1, § 497).

A dinâmica psíquica da ativação dos afetos pode ser chamada de constelação dos complexos, na psicologia analítica. JUNG (2013, OC VIII/2, § 198) explica que o termo expressa “[...] o fato de que a situação exterior desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos”. Os complexos são constelados a todo momento, mas agem de forma particular, dependendo da pessoa e, especialmente, de qual complexo foi constelado na situação em questão.

No filme *Divertidamente* é possível ver nitidamente os diferentes comportamentos e emoções vividos conforme cada complexo/emoção é constelado e também de acordo com a singularidade de cada pessoa “submetida” à emoção específica. As reações de Riley são diferentes das reações do pai ou da mãe e, ainda, em cada situação específica um afeto toma a frente do painel de controle, o que faz com que as reações dos personagens estejam relacionadas com a emoção dominante naquele momento.

Esta atuação autônoma dos complexos, que atuam de forma independente da vontade ou intenção da pessoa afetada, é possível de ser vista em diversas cenas do filme. É notável uma diferença de personalidade na personagem principal do filme, Riley, na cena do jantar em família após a mudança de cidade. Riley, a filha do casal, estava sendo controlada somente pela raiva, medo e nojinho após tristeza e alegria terem sido ejetadas da sala de comando e surpreende os pais com sua reação ríspida e agressiva,

diferente de sua reação habitual. Neste caso, a mudança de cidade e de casa, funcionou como um gatilho para que uma outra emoção, diferente da costumeira da menina, viesse à tona.

Por se tratar de uma reação autônoma e inconsciente, mais do que o ser humano ter complexos em sua psique, pode-se considerar que os complexos dominam e possuem as pessoas. É como se os complexos fossem pequenas personalidades que agem por conta própria.

“É agradável pensar no poder de nossa vontade, em nossa energia e no que podemos fazer. Mas na hora H descobrimos que podemos fazê-lo até certo ponto, porque somos atrapalhados por esses pequenos demônios, os complexos”.(JUNG, 2013, OC XVIII/1, § 151).

Segundo JUNG (2013, OC VIII/2) na Idade Média esse fenômeno era conhecido como possessão, e pode-se dizer que até hoje é possível encontrar esse mesmo pensamento, de algo externo possuir o sujeito, e não de uma manifestação de um aspecto da alma humana.

É importante tomar cuidado para não considerar os complexos como aspectos negativos. Os complexos não têm necessariamente esse caráter, mas talvez levem essa fama justamente por serem autônomos e em alguns casos se apresentarem até mesmo de forma constrangedora. De modo geral, a todo momento, complexos estão sendo constelados, e em situações de conflito não é diferente: “[...] os complexos sempre contêm algo como um conflito ou, no mínimo, dão origem a ele ou dele provêm”. (JUNG, 2013, OC VI, § 989).

As situações da vida, consteladoras de complexos, geram movimento devido à energia dos complexos. Em geral, são momentos conturbados que exigem mais força para sair do lugar incômodo. Essa energia gerada pode ser comparada com o fogo alquímico, que ao mesmo tempo dá vida e também pode queimar, gerando destruição. As emoções são, portanto, a principal fonte de tomada de consciência. Segundo JUNG (2014, OC IX/1, §179): “Não há transformação de escuridão em luz, nem de inércia em movimento sem emoção”.

Cabe aqui o questionamento: por que os afetos acontecem? Por que irrompem a consciência inesperadamente, gerando muitas vezes situações constrangedoras? Segundo JUNG (2011, p.489): “O afeto é sempre uma

adaptação que falhou. Onde não estamos adaptados, temos afetos.” Assim, pode-se considerar impossível a eliminação da existência e influência dos afetos na psique humana, afinal é impossível que haja total adaptação.

Apesar de ser impossível eliminar a ação dos complexos, justamente por serem energias básicas da psique humana, é possível transformar a relação estabelecida com eles. Como produto dessa transformação energética tem-se o aumento de consciência:

“Como centros energéticos, os complexos, ao invés de serem curados ou aniquilados, podem ser transformados e, como enteléquias intencionais, a dialética com eles desenvolve seu dinamismo e aumenta a consciência” (HILLMAN, 2011, p. 165).

O aumento de consciência permite que o relacionamento com os afetos e suas manifestações seja mais verdadeiro e total. Quanto maior for a relação com os complexos mais conscientes eles estarão. Assim, quando irromperem a consciência farão de forma mais branda, com os afetos mais controlados.

Por se tratar de um fenômeno natural da psique humana, os complexos estão presentes em todos os povos, regiões e épocas da história. São “*manifestações vitais próprias da psique*” segundo JUNG (2013, OC VIII/2), sem as quais a vida psíquica estaria paralisada. Além de caráter universal, os complexos também definem estados emocionais, como felicidade ou infelicidade, bem ou mal-estar, por exemplo.

No filme *Divertidamente* essa estreita relação entre afetos e estados anímicos é bastante evidente. Conforme alguma emoção é constelada esta determina todo o comportamento e pensamento dos personagens, por vezes se tornando um estado da alma, ou seja, a emoção passa a ter um caráter mais dominante na estrutura psíquica dele. Na cena acima citada, na qual a menina estava tomada pela raiva, ela chega a ter forças para planejar e até quase executar uma viagem de retorno à sua cidade natal.

II.2. Alegria e Tristeza

Há uma imensidão de emoções atuantes na psique humana. Entretanto, como esse trabalho propõe analisar o filme *Divertidamente*, é importante considerar as emoções atuantes nessa história: alegria, tristeza, raiva, medo e nojo.

A **Alegria** é quem apresenta as demais emoções do filme ao espectador. Ela é saltitante e iluminada, como uma estrela, animada e sempre vê as situações de maneira positiva.

O **Medo** “manda bem no quesito segurança” e sua aparência pode ser comparada a de um nervo. Ele é roxo, sempre hesitante e assustado.

O **Nojo**, chamado de Nojinho “basicamente evita que a Riley se envenene, física e socialmente” e sua forma lembra um brócolis, a comida que aparece no filme como a que Riley não gosta.

A **Raiva** “se preocupa muito com possíveis injustiças” e se parece com um tijolo, quadrado, vermelho e pesado e quando se irrita solta fogo do topo da cabeça.

A última apresentação é a da **Tristeza**: “a tristeza vocês já viram. Ela... ela... eu não entendo bem o que ela faz. E eu já olhei e não posso mandar ela embora, então tudo bem, tudo ótimo, tudo certo!” diz alegria. Tristeza é azul e tem o formato de gota, como a lágrima. É a mais pessimista das emoções, aparece em alguns momentos chorando e deitada no chão.

Dentre essas cinco emoções retratadas pelo filme, o par de opostos que a tristeza e alegria desempenha no filme, e a posição igualitária que assumem no decorrer da história serão o foco desse subcapítulo.

Ao longo dos anos os conceitos de alegria e tristeza passam por várias transformações que se atualizam de acordo com às normas vigentes em cada época e cada cultura. A maneira como a tristeza é vivenciada hoje, por exemplo, é muito diferente de como era encarada no século passado. Eventos que antes eram considerados como normais e necessários de serem vivenciados, como a experiência do luto, hoje podem ser interpretados como depressão. Algo a ser erradicado e não experienciado.

Porém, a maneira como um indivíduo reage a uma situação não diz respeito somente a cultura em que está inserido. A história de vida, os

aspectos intrínsecos, tem um papel fundamental na constituição do modo de sentir e reagir. Desde muito pequenos, mesmo bebês, já é possível identificar alguns traços pessoais na maneira de reação. Ainda que um estímulo possa ser desconfortável para todos os bebês, a maneira como cada um reage a fome, por exemplo, é individual. Todos os bebês choram e expressam seu desconforto, mas a intensidade do que é sentido como desconforto, a maneira de chorar é própria de cada um. Conforme vivenciam novas experiências, os modelos subjetivos vão sendo atualizados. O que era somente um potencial, o arquetípico, vai ganhando vivência e tonalidades afetivas, construindo os complexos.

O historiador Adam POTKAY, autor do livro “A História da Alegria”, traz uma profunda reflexão acerca do que seria a alegria, de suas relações com a semântica, com a religião inseridas em um contexto histórico.

No que se refere à alegria, POTKAY (2010, p.20) faz a seguinte afirmação: “[...] Eu proponho que a alegria é uma paixão originária da infância, que nos reconecta, com felicidade absoluta, a um estágio da vida anterior ao nosso nascimento.” Pode-se pensar, conforme este autor, que o estado originário seria qual o paraíso, no qual a dualidade, a diferenciação das emoções ainda não existiria.

No filme *Divertidamente* esse ponto de vista aparece, quando a primeira emoção a surgir no filme é a alegria. Logo que Riley nasce é a alegria quem está atuando. A fala da emoção nessa primeira aparição é a seguinte: “Foi incrível, só a Riley e eu, pra sempre! Quer dizer... por 33 segundos”. O protagonismo da alegria em absoluta conexão com a personagem principal acaba quando a tristeza aparece para dividir o painel de controle e as emoções de Riley.

POTKAY (2010, p.39), cita a filósofa americana Martha Nussbaum que afirma ser a alegria “a paixão original dirigida ao objeto”, isso porque a necessidade inicial do bebê é acabar com os estímulos desconfortáveis e invasivos, e assim restaurar a condição de plenitude e serenidade. Considerando que a criança inicialmente está imersa no mundo inconsciente, as primeiras trocas com o mundo externo e interno, as primeiras experiências, os primeiros pequenos traumas que vivencia, os desconfortos e incômodos, são as primeiras noções de consciência que aparecem na psique. Assim, são

justamente os afetos, em toda a sua gama e não só a alegria, que possibilitam a conexão da criança com a consciência. São os complexos de tonalidade afetiva, em toda a sua gama, desde o complexo egóico, o complexo materno, o complexo paterno, entre outros, que irão compor o todo da personalidade.

Assim como as crianças são afetadas inconscientemente pelos complexos, com os adultos acontece o mesmo – e o efeito destes afetos muitas vezes não é percebido conscientemente.

Em meio as diversas paixões, alegria e tristeza têm papel de destaque para alguns autores. É o que POTKAY (2010) confirma ao apresentar os escritos de Tomás de Aquino (1225-1274) e de Baruch Espinosa (1632-1677). Aquino define paixão como algo pela qual a pessoa precise passar e que assume papel passivo diante o afeto, como se fosse tomado por ele. As paixões desencadeiam reações fisiológicas involuntárias, como choro e riso, por exemplo. Das 11 paixões distinguidas por Tomás de Aquino, de acordo com POTKAY (2010), 6 delas são chamadas de concupiscentes, as que são percebidas como boas ou más, as que atraem ou repelem. Dentre essas, a tríade positiva é composta por amor, desejo e alegria; e a tríade negativa engloba ódio, negação e tristeza.

O par de opostos alegria e tristeza ganha relevância em Aquino, segundo POTKAY (2010), pois são consideradas “paixões-fim”:

“Tomás de Aquino atribui uma importância particular às paixões da alegria e da tristeza, como todas as outras paixões conduzem em sequência, a um ou outro desses dois estados. Todas as paixões culminam ou na alegria, quando se evita um mal ou se obtém um bem, ou na tristeza, quando perdemos o bem ou sofremos o mal”. (POTKAY, 2010, p.36)

Diferentemente de Aquino, Espinosa, considera os mesmos afetos, alegria e tristeza, como paixões iniciais, oferecendo a elas:

“[...] um papel ainda mais central para a alegria e para a tristeza e seu sistema, descrevendo-as não apenas como o ponto final de todas as outras paixões, mas também como seus elementos constituintes. A alegria e a tristeza são, para Espinosa, primeiras de um ponto de vista lógico e elementares para todas as demais paixões”.(POTKAY, 2010, p.37)

O par de opostos alegria e tristeza não é somente enfatizado na filosofia. As artes, de modo geral, compreendem esses dois afetos de forma

complementar. A estória infantil “Como nasceu a alegria” de Rubem ALVES (1997) traz exatamente essa relação, de forma simbólica e harmoniosa. Rubem Alves, ao contar a estória do nascimento da alegria também conta a estória de como nasce a tristeza. Para falar de alegria e tristeza Rubem Alves conta a estória de um jardim de flores. O interessante é que o historiador POTKAY (2010, p. 19) também se utiliza da metáfora do jardim, inclusive cita William Blake: “Diga-me: o que é uma alegria? E em que jardins crescem as alegrias?”.

A protagonista da fábula de Rubem Alves é uma florzinha, que ao nascer tem uma de suas pétalas cortada por um espinho. Para ela, sua pétala cortada não incomodava e nem causava dor. As outras flores, porém, eram todas perfeitas e muito vaidosas. Estavam o tempo todo disputando quem era mais bela, e por isso eram infelizes. A diferença da florzinha passou a doer quando percebeu os olhares que recebia das outras flores.

Nesse momento, a florzinha ficou tão triste que começou a chorar. Foi a primeira vez que uma flor chorou, pois até então a perfeição era tamanha que não havia espaço para mais nada além da vaidade. A natureza toda se espantou com a reação da florzinha e pouco a pouco também chorou. O choro da natureza transformou-se em chuva e nos rios e mares. O choro do sol resultou no arco-iris que aparece com a chuva. A natureza toda entristeceu junto com a florzinha.

De repente a florzinha olha em volta e vê a proporção que sua tristeza tomou. A natureza toda estava diferente. E pouco a pouco sua tristeza deu lugar a um sorriso. Nesse momento ela começou a exalar um perfume nunca antes sentido. Insetos, aves e pessoas começaram a se aproximar para sentir mais próximo o perfume único da florzinha. Este momento é relatado de forma poética por ALVES (1997, p.19): “Esta é a estória do nascimento da alegria. De como da tristeza saiu o choro, do choro surgiu o riso e o riso virou perfume.”

A fábula em questão mostra o quanto alegria e tristeza estão juntas e são inseparáveis. Somente através de uma delas que é possível alcançar a outra. Além disso, é importante destacar a relevância da vivência da tristeza. Na estória, a florzinha só consegue ressignificar sua diferença quando entra em contato com sua dor, quando mergulha em seu sofrimento. Tanto alegria quanto tristeza são fundamentais, e é importante oferecer igual destaque a ambas as emoções.

A vivência das emoções só foi possível quando a florzinha sai do estado de perfeição que todas as outras flores permanecem. É através do incômodo, do desconforto que é possível sentir, de modo geral.

Assim como aconteceu com a personagem da estória, com os bebês acontece o mesmo, como já foi dito anteriormente: apesar de ter a alegria como paixão primária, é através do desconforto, da tristeza, que a busca pelo outro se inicia, que se instala a noção de eu e não-eu, que a diferenciação entre os sentimentos começa bem como é também assim que passa a buscar pelo retorno do paraíso perdido, onde tudo era só alegria. Porém, não dá mais para voltar. Uma vez que se morde a maçã é impossível retornar à inconsciência total e inocente. Com as frustrações as ilhas de consciência se formam, de noção de eu, de rejeição, de imperfeição e então é que a vida começa.

II.3. Os Opostos na Psicologia Analítica

A confrontação dos opostos é um dos temas de maior importância na teoria de Jung e tema central para o entendimento de vários conceitos e considerações sobre a psique humana. Jung não é o primeiro a falar sobre esse tema. O termo enantiodromia, por exemplo, já havia sido usado por Heráclito e a origem de sua palavra significa uma “via de mão dupla”, em que os opostos estão em constante relação, ora seguindo em uma direção, ora tomando a direção contrária.

A confrontação dos opostos e a busca do diálogo entre eles é um dos pressupostos da Psicologia Analítica. Porém, essa atitude precisa ser vivenciada de forma verdadeira e não somente pela intelectualização, do tipo: “estou muito triste, preciso ficar alegre”.

Por se tratar de uma experiência vivencial, e não racional, os conteúdos inconscientes precisam ser acessados para que essa experiência seja profunda e verdadeira. Buscar enxergar, e especialmente vivenciar, além da atitude unilateral habitual é fundamental, pois: “Sem a vivência dos opostos não há experiência de totalidade e, portanto, também não há acesso interior às formas sagradas”. (JUNG, 2012, OC XII, § 24)

Mesmo que essa confrontação seja necessária e saudável, nem todas as pessoas suportam essa dinâmica, pois é preciso mergulhar, adentrar no inconsciente e muitas vezes abrir mão de uma atitude unilateral, que tem claramente marcado o que é bom e o que é ruim, por exemplo. Na vivência dos opostos, tudo é ao mesmo tempo bom e ruim: é a totalidade, a plenitude.

A atitude unilateral, porém, não deve ser taxada como negativa. Para alcançar e vivenciar a totalidade, antes de tudo é preciso adotar um posicionamento unilateral e rígido, de diferenciação dos opostos. É como se a unilateralidade fosse uma das etapas para desenvolver e atingir a totalidade. Antes de aproximar é preciso separar e essa separação é uma atitude tipicamente da consciência, que tem como essência a diferenciação, como afirma JUNG (2012, OC XII, § 30): “A essência do consciente é a diferenciação; para ampliar a consciência é preciso separar os opostos um dos outros [...]”.

No filme *Divertidamente*, antes de trabalharem juntas e conseguirem voltar à sala de controle das emoções, tristeza e alegria estão completamente distantes e diferenciadas. A Alegria é quem tem uma atitude mais ativa, mais otimista enquanto a Tristeza se lamenta e vê a situação de maneira pessimista. Só depois de terem agido de maneira extrema conforme suas próprias naturezas é que ambas conseguem, pouco a pouco, adotar atitudes mais equilibradas e trabalharem juntas. A Alegria passa a encarar a situação de maneira mais realista e chega até a se entristecer, quando, após diversas tentativas, seus planos dão errado. A Tristeza passa a ser mais ativa e equilibra as atitudes impulsivas da alegria.

Tanto no filme *Divertidamente* quanto na estória “Como nasceu a alegria” a tensão entre os opostos é extremamente necessária e presente para que um movimento aconteça. Na primeira história, tristeza e alegria têm atitudes opostas e inflexíveis. Na fábula de Rubem Alves a tristeza da flor é confrontada com a perfeição das demais flores. É a partir desses confrontos, muitas vezes duros e doloridos, que a energia pode ser produzida, como afirma JUNG (2014, OC VII/1, § 78): “[...] nenhuma energia é produzida onde não houver tensão entre os contrários”. A consciência só é possível através do inconsciente, assim como alegria só é possível através da tristeza. Nos dois exemplos, há complementariedade e oposição, e somente o confronto

possibilita a totalidade, pois: “É no oposto que se acende a chama da vida”. (JUNG, 2014, OC VII/1, § 78)

A temática dos opostos é profundamente abordada no livro “Mysterium Coniunctionis: pesquisa sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na Alquimia” de JUNG (2012, OCXIV) seu último livro das Obras Completas e demorou mais de dez anos para ficar pronto (1941 a 1956). É considerado a principal obra dos últimos anos de vida de Jung, o livro se vale da alquimia para explicar esse fenômeno na psique.

A alquimia e suas imagens são comumente usadas na Psicologia Analítica. Isso se dá porque o processo de psicoterapia se assemelha muito a alquimia, suas operações e objetivo (o opus). EDINGER (1990) em seu livro “Anatomia da Psique” explica que as imagens alquímicas descrevem o processo de individuação, concretizando através delas as transformações que acontecem na psicoterapia.

De maneira geral, a alquimia propõe submeter a matéria prima a vários procedimentos, que são chamados de operação alquímicas. Através das operações pretende-se transformar a prima matéria na pedra filosofal, que seria o objetivo do opus.

Dentre as diversas operações alquímicas existentes, a coniunctio seria uma delas, e tem como principal característica a união final dos opostos. O produto final da coniunctio, a união dos opostos, só é viável através de diversas confrontações entre os opostos, em que pouco a pouco a unilateralidade perde forças e um novo ponto de vista passa a existir. EDINGER (1990) faz um paralelo com o processo psicoterapêutico para explicar a confrontação entre os opostos:

"O processo psicoterapêutico também é um “alternar-se para melhorar”. A pessoa é jogada para lá e para cá entre os opostos, de modo praticamente interminável. Mas surge, de maneira deveras gradual, um novo ponto de vista que permite a experiência dos opostos ao mesmo tempo. Esse novo ponto de vista é a *coniunctio*, e ao mesmo tempo em que é libertador, também é uma sobrecarga”.(EDINGER, 1990, p. 232)

Cria-se então, um terceiro ponto de vista, diferente do ponto de vista unilateral anterior que valorizava um extremo em detrimento do pólo contrário.

Aqui, os opostos passam a ser vivenciados ao mesmo tempo e não mais de maneira distante e diferenciada.

O fato de um oposto nascer do outro também aparece no filme *Divertidamente*. Como no filme *Divertidamente*, a grande mudança acontece quando Alegria, ao cair no lixão das memórias (local onde as memórias esquecidas são depositadas), assiste uma memória desde o início, e percebe que além da alegria, que ela lembrava, havia também tristeza e foi justamente através dela que a Alegria pode aparecer. Ao ter acessado as lembranças Riley lembra que tudo começou quando a menina perde o último lance do jogo final do campeonato; os pais e os amigos do time vieram até ela e consolaram e neste momento é que a alegria nasceu.

Ao assistir a cena, alegria diz: “Tristeza!? A mãe, o pai, o time... todos vieram por casa da tristeza!” É a partir dessa tomada de consciência, depois de diversas cenas nas quais a alegria e a tristeza mantêm uma atitude mais unilateral, de confrontação dos opostos, que as emoções são vivenciadas de forma menos autônoma e mais próximas.

O processo para atingir a união dos opostos é longo e demorado. Assim como a matéria prima na alquimia é preparada e submetida a diversas etapas e transformações, o mesmo ocorre no processo de individuação na psique humana. A aproximação dos opostos precisa de um caminho que media o diálogo entre pólos tão opostos. O diálogo/confronto entre os opostos gera energia conforme JUNG e faz nascer uma nova posição: “A confrontação entre as posições contrárias gera uma tensão carregada de energia que produz algo de vivo, um terceiro elemento [...]”

A função que aproxima, que conecta os opostos, conforme o “Dicionário Crítico de Análise Junguiana” de SAMUELS; SHORTER; PLAUT(1988), foi chamada por Jung de função transcendente. JUNG justifica o nome da seguinte forma: “A função é chamada “transcendente” porque favorece a passagem de uma constituição psíquica para outra, mediante a mútua confrontação dos opostos”. (JUNG, 2013, OC XI/5, § 780) O meio em que a aproximação dos opostos se faz possível, portanto, é chamado de função transcendente.

De modo geral a função transcendente: “resulta da união dos conteúdos *conscientes* e *inconscientes*” (JUNG, 2013, OC VIII/2, § 131). Os conteúdos

conscientes e inconscientes, por serem pares opostos comportam-se de maneira compensatória e complementar. Essa atitude complementar se evidencia bastante nos sonhos, por exemplo. Em períodos muito conturbados e desafiadores os sonhos podem aparecer em cenas serenas, assim como quando a realidade está mais pacata e o sonho traz cenas mais agitadas. Os conteúdos do sonho são inconscientes. Por esse motivo, JUNG (2013, OC VIII/2) considera a interpretação dos sonhos com uma das estratégias de aproximação e confronto dos opostos consciente e inconsciente.

Entretanto, a interpretação dos conteúdos oníricos nem sempre é possível. Apesar de ser um fenômeno psíquico universal, nem todas as pessoas conseguem se lembrar dos sonhos. Outro ponto de entrave é a resistência que a técnica pode gerar, quando, por exemplo, uma pessoa sente-se receosa em falar sobre cenas constrangedoras e íntimas que o sonho traz. Por outro lado, o descrédito pode surgir. Não é difícil ouvir “tive um sonho bobo, sem nexos algum”, justamente pelas imagens dos sonhos serem simbólicas e não necessariamente literais. Talvez a grande quantidade de simbolismos e imagens que o sonho traz dificultem a análise minuciosa desse.

Existem outras manifestações do inconsciente nas quais também a ação da função transcendente se torna possível: as fantasias espontâneas, os sintomas, os atos falhos, esquecimentos. A via corporal e artística também pode ser um meio de manifestação inconsciente, em que artistas expressam em suas obras muito além da consciência dirigida. As técnicas expressivas como desenhos, dança, caixa de areia/sandplay e imaginação ativa são também possibilidades de o inconsciente se manifestar.

Enquanto os conteúdos inconscientes surgem de repente na consciência, o pensamento consciente segue uma lógica diferente. A atitude consciente é dirigida e essencialmente discriminatória, o que inevitavelmente resultará na unilateralidade, como aponta JUNG: “A unilateralidade é uma característica inevitável, porque necessária, do processo dirigido, pois direção implica unilateralidade” (JUNG, 2013, OC VIII/2, § 138). Portanto, a unilateralidade é característica do estabelecimento da consciência, constituindo um ganho por um lado, porém uma perda se a consciência se mantiver excessivamente nesta, separando-se do inconsciente. Como já citado

anteriormente, a unilateralidade é inevitável e fundamental para a ampliação da consciência, que possibilitará o diálogo entre os opostos.

A característica dirigida do consciente por ser oposta à fluidez do inconsciente, ameniza as manifestações inconscientes. Caso esse freio não existisse: “[...] o inconsciente poderia fluir de maneira completamente espontânea” (JUNG, 2013, OC VIII/2, § 158). A manifestação desenfreada do inconsciente pode ser vista claramente nos transtornos mentais mais graves, como a esquizofrenia, por exemplo, onde falta a atitude dirigida do consciente para equilibrar as expressões inconscientes.

Além de conter as manifestações do inconsciente, é justamente através do pensamento dirigido da consciência que seu oposto inconsciente é possível. JUNG (2013, OC VIII/2, § 159) justifica essa relação através do princípio autorregulador da psique: “Visto que a psique é um sistema autorregulador, como o corpo vivo, é no inconsciente que se desenvolve a contrarreação reguladora”.

O sistema autorregulador da psique pode ser ilustrado no filme *Divertidamente*, em que tristeza e alegria assumem atitudes opostas e constantemente se revezam: ora uma assume o papel principal, ora outra.

A atitude compensatória da psique é fundamental para a saúde física e mental, pois tanto um consciente dirigido e rígido pode ser prejudicial e não possibilitar as expressões inconscientes quanto um inconsciente totalmente autônomo e sem freios pode dominar a consciência e deixar o sujeito refém do próprio inconsciente. Assim, consciente e inconsciente devem assumir o mesmo grau de importância e influência na psique: “O ego deve receber o mesmo valor, no processo, que o inconsciente, e vice-versa”. (JUNG, 2013, OC VIII/2, § 183)

A constante dança dos opostos traz uma noção fundamental para o entendimento das emoções na atualidade. Em uma época em que a alegria é supervalorizada com a exposição em redes sociais e a necessidade de estar sorrindo a todo momento, compreender que a tristeza também pode e deve assumir papel igualitário é uma grande conquista.

Tristeza e alegria não estão mais em pólos contrários e com características opostas, agora tem-se um estado de totalidade. Uma das últimas cenas do filme *Divertidamente* mostra isso, quando Riley desiste de fugir de

casa e ao encontrar os pais fala sobre suas emoções ambíguas, que agora deixam de ter apenas uma cor e passam a apresentar combinações de cores.

Essa visão mais global e total que a função transcendente proporciona é chamada de multilateral por JUNG que explica a complexidade desse fenômeno:

“Ora, a confrontação com o inconsciente deve ser multilateral, pois a função transcendente não é um processo parcial que poderia desenvolver-se de maneira condicional, mas um acontecimento integral em que se acham incluídos ou – melhor – em que deveriam ser incluídos todos os aspectos em questão”. (JUNG, 2013, OC VIII/2, § 183)

Atingir a multilateralidade da função transcendente não é uma tarefa fácil. Como poucas pessoas suportam a confrontação dos opostos, pode-se dizer que a grande maioria permanecerá com a postura unilateral. Nesse sentido, enquanto os opostos continuarem distantes com o objetivo de evitar o conflito gerarão cada vez mais energia, pois quanto maior a distância entre os opostos maior será a tensão entre eles. É como se fosse um elástico: quanto mais se puxa, mais ele se estica e seus extremos ficam mais distantes. E assim como a distância e tensão aumentam, aumenta também a força contrária, e ao voltar ao estado natural toda a força e tensão investidas retornam com a mesma intensidade. Assim, ao adotar uma atitude extrema em determinada situação, seu oposto aparecerá uma hora ou outra, quando a pessoa é afetada e os conteúdos inconscientes vêm a tona.

III.

DIVERTIDAMENTE

Um olhar analítico

O título original do filme em inglês: “Inside out” pode ser o primeiro ponto de análise do filme sob o olhar da Psicologia Analítica. Em uma tradução livre, o título significa “de dentro para fora” e o filme retrata justamente o mundo interior dos personagens e suas relações com o mundo externo e as pessoas que os cercam. Em especial, “de dentro para fora” ilustra o fato de que a maneira como cada pessoa enxerga o mundo é determinada por seu universo interno; complexos, arquétipos e todo o funcionamento psíquico. Em Divertidamente, é o universo interno quem “controla” as reações e maneira de ser de cada personagem.

HILLMAN, em seu livro *Re-vendo a Psicologia* (2010 p, 259) afirma justamente a autonomia dos complexos, arquétipos e emoções: “[...] já que as ideias apresentam visões arquetípicas, eu nunca tenho, de fato, ideias; elas me têm, me suportam, me contêm, me governam”. Essa é a ideia central de Divertidamente: o quanto os personagens são comandados pelas emoções, e o quanto vêem o mundo a partir da emoção que está no comando.

O fato de cada personagem humano do filme ter uma emoção predominante evidencia essa dinâmica da autonomia dos complexos e o fato de em determinados momentos da vida, alguns complexos específicos protagonizarem a existência. A emoção protagonista de cada personagem humano é a emoção líder do painel de controle, que organiza e dá as ordens às demais emoções; em Riley é a Alegria, na mãe é a Tristeza, no pai é a Raiva e assim por diante. Na mãe e no pai, por exemplo, as demais emoções seguem o padrão de aparência da emoção dominante: na mãe todas as emoções têm o formato de gota da Tristeza e no pai todas as emoções seguem o padrão de tijolo da Raiva.

As memórias de Riley têm um papel de destaque no filme Divertidamente. Há dois tipos de memórias retratadas no filme: as memórias de longo prazo, que são armazenadas em diversas prateleiras na mente de Riley e as memórias base, que são as memórias dos momentos mais significativos

da vida da menina. Em *Divertidamente*, quando as memórias não recebem atenção elas desbotam e são destinadas ao lixão das memórias, onde ficam até desaparecerem completamente. O desbotamento das memórias de longo prazo pode ser encarado como a perda da energia psíquica de determinado conteúdo, e dessa forma, as memórias, os complexos perdem sua força e passam a afetar menos, com menor intensidade e de forma menos autônoma. Apesar de os complexos agirem de forma mais suave eles continuam presentes, continuam lá, assim como as memórias desbotadas, que mesmo no lixão das memórias continuam presentes. Se a energia, por algum motivo, escoar para estas memórias elas podem atuar novamente, não só como sintomas, mas como também como inspirações.

As memórias base formam as ilhas de personalidade, que definem a maneira de ser de cada um. No início do filme, as ilhas de personalidade atuantes em Riley eram a ilha da bobeira, a ilha do hockey, a ilha da amizade, a ilha da honestidade e a da família. As memórias base são fundamentais para a vida de Riley, garantem sua personalidade e sua maneira de ser mais particular. Porém, no desenrolar do filme, com a saída de Alegria e Tristeza da sala de comando, as memórias base se desconectam das ilhas de personalidades, deixando as ilhas apagadas e sem resposta – provocando uma alteração na personalidade de Riley. Riley passa a apresentar um estado psíquico de desligamento, em que as ilhas de personalidade não respondem e por estarem instáveis correm o risco de desabarem. Uma a uma as ilhas desmoronam, restando somente a ilha da família ao final do filme. No filme, Riley está desconectada de sua maneira de ser, não há energia psíquica em movimento, há só desligamento. A ausência de energia acarreta no desmoronamento das ilhas, o que em um primeiro momento pode parecer negativo, mas a grande lição do filme é que as ilhas se reconstróem. É necessário destruir, desmoronar para que o novo surja. É através da “morte” que o renascimento se faz possível e utilizando o processo alquímico como metáfora para as transformações interiores e da psicoterapia, com suas fases e operações, é na fase da nigredo que esses desmoronamentos ocorrem.

A operação alquímica chamada *mortificatio* é uma das operações que pertence ao estágio da obra denominado nigredo. EDINGER (1990, p. 165) afirma que tal operação: “Significa, literalmente, “matar”, sendo pertinente,

portanto, à experiência de morte”. Em geral, as imagens relacionadas à mortificatio são imagens negativas, de destruição e derrota, como o desabamento das ilhas de personalidade em *Divertidamente*, mas também possibilitam que novas constituições surjam; é também renascimento:

“A mortificatio é a mais negativa operação alquímica. Está vinculada ao negrume, à derrota, à tortura, à mutilação, à morte e ao apodrecimento. Todavia, essas imagens sombrias com frequência levam a imagens altamente positivas – crescimento, ressurreição, renascimento; mas a marca registrada da mortificatio é a cor negra”. (EDINGER, 1990, p. 166)

Além das ilhas de personalidade, outro aspecto do filme que também se altera com o passar da estória e vale ser ressaltado é a relação entre Riley e Bing Bong. Nos momentos da infância que são lembrados no filme o amigo imaginário Bing Bong é bastante presente na fantasia da menina. Porém, quando Riley completa 11 anos Bing Bong deixa de ser tão solicitado em suas memórias e seu destino é uma das cenas mais tristes do filme: ele acaba sendo esquecido e desaparece no lixão das memórias. Riley está passando por um período de diversas transformações, tanto externas e de adaptação à nova cidade quanto internas, com a chegada da puberdade. A adolescência é uma fase de passagem, de transição, em que os adolescentes não são mais crianças, mas ao mesmo tempo ainda não são adultos. Com a saída da infância muitas coisas ficam também para trás, alguns aspectos da fantasia inclusive, como aconteceu com Riley. Bing Bong, então, desaparece da fantasia de Riley, juntamente com outros elementos de sua infância, como o castelo de biscoitos, a montanha do pônei brilhante, o mundo das princesas e o museu dos ursos de pelúcia. É natural e saudável que isso aconteça, mas sempre é uma passagem que envolve além de sentimentos de conquista, de novidade, sentimentos de perda. Aliado ao fato de que a fantasia sempre perdura e alguns aspectos destas podem constituir guias em diversos outros momentos de vida.

Porém, apesar de não ser mais fundamental para a adolescência de Riley, Bing Bong desempenha um papel essencial na jornada da Alegria e da Tristeza no retorno delas ao painel de comando. Quando parecia não haver mais nenhuma saída, mais nenhum caminho a ser seguido surge Bing Bong e a imaginação para mostrarem a direção. A Psicologia Analítica oferece à

imaginação papel de destaque, sendo a imaginação quem fornecerá o caminho nos momentos em que estiver difícil de encontrá-lo. JUNG ressalta a importância da fantasia afirmando que:

“[...] Toda obra humana é fruto da fantasia criativa. Se assim é, como fazer pouco caso do poder da imaginação? Além disso, normalmente, a fantasia não erra, porque a sua ligação com a base instintual humana e animal é por demais profunda e íntima. É surpreendente como ela sempre chega a propósito. O poder da sua pequenez, do ser “só isso”, e o eleva ao estado lúdico. O homem, como diz Schiller, “só é totalmente homem, quando brinca”. (JUNG, 2013, OC XVI/1, § 98)

Inicialmente a protagonista das emoções de Riley era Alegria e esse estado emocional da menina era evidente no começo da estória, sempre muito otimista, alegre e sorridente. Porém, pouco a pouco as demais emoções – Tristeza, Raiva, Medo e Nojinho – passam a ser mais solicitadas do que de costume e essa mudança causa estranheza tanto internamente, nas próprias emoções quanto externamente, com os pais de Riley principalmente. A fase da puberdade/adolescência é um momento bastante conturbado emocionalmente e não é difícil que os pais sofram junto as alterações emocionais dos filhos. É difícil lidar com uma emoção não muito conhecida, ainda mais quando se está acostumado com uma emoção que não gera tanto embate como a Alegria. Em Divertidamente, na cena do jantar em família essa dinâmica emocional-familiar fica clara: os pais não compreendem o comportamento da filha, que sempre foi obediente e tinha a Alegria em seu painel de controle. Com a Alegria e Tristeza fora, Raiva, Medo e Nojinho assumem o controle e o resultado é o conflito e dificuldade do relacionamento familiar.

O conflito de emoções pelo qual Riley passa no início da puberdade não foi retratado no filme por acaso, como a matéria “Como ‘Divertida Mente’ e ‘Relatos Selvagens’ no ensinam a lidar com emoções” da Folha de São Paulo traz. Durante o Congresso Mundial do Cérebro, Comportamento e Emoções de 2016, que aconteceu em Buenos Aires, oito cientistas expuseram suas pesquisas sobre o filme Divertidamente. Entre eles está o neurocientista Donald Stauss que explica que “Nada disso é coincidência: estudos mostram que a partir dessa idade a frequência de sentimentos tidos como positivos

tende a diminuir conforme a puberdade apresenta novos conflitos". (CUNHA, 2016).

Tristeza, além de ser mais requisitada no painel de controle - tocar nas esferas de memórias, não se contentar mais em somente ler manuais e seguir às ordens da Alegria -, também se torna mais ativa quando está perdida na com Alegria. Na cena em que Bing Bong está triste é Tristeza quem consegue consolá-lo, ouvi-lo, possibilitando que o personagem que estava triste possa continuar seu caminho. Antes disso, Alegria até tenta ajudar Bing Bong, mas sua tentativa de fazer cócegas, caretas e brincadeiras não funcionou muito bem. No filme foi Tristeza quem conseguiu aproximar-se dele, justamente porque houve lugar para vivenciar a tristeza, para sentir o que estava magoando, diferente da Alegria, que por ser muito animada, otimista não oferece espaço para que o recolhimento seja vivido. De fato, é a emoção da tristeza que possibilita a pessoa a tornar-se mais empática. É necessário, muitas vezes, recolher-se, fechar-se para depois conseguir prosseguir. Se por um lado a tristeza possibilita a empatia, em seu extremo ela paralisa o sujeito, acabando com qualquer possibilidade de relacionamento interpessoal.

Outra cena muito importante do papel da Tristeza no filme *Divertidamente* é quando Tristeza e Alegria conseguem retornar à sala de comando e Tristeza assume as emoções de Riley. Até então a menina estava sem responder aos comandos de Medo, Raiva e Nojinho, e é quando Tristeza assume o controle das emoções que Riley reage e desiste de viajar de volta para Minnesota. Assim como Tristeza foi fundamental para Bing Bong no momento de consolo, Tristeza na cena do arrependimento de Riley também é essencial, pois a menina volta a sentir e consegue ponderar a situação de outra forma.

A tentativa de Riley em retornar à sua cidade e sua antiga vida também vale ser analisada. Nos momentos de dificuldades muitas vezes o impulso é o de resgatar o que foi bom, voltar atrás. Porém, não adianta querer voltar, pois o movimento é sempre para frente e nunca uma atitude de retrocesso. No filme, é como se Riley quisesse resgatar o paraíso perdido e por isso opta pelo retorno. A tentativa de Riley pode ser comprada ao que POTKAY afirma sobre a alegria, o fato de ser:

“[...] uma paixão originária da infância, que nos reconecta, com felicidade absoluta, a um estágio da vida anterior ao nosso nascimento. Sendo nossa fonte, a alegria também é nosso objetivo ou fim: é o que nós queremos e às vezes clamamos recobrar” (POTKAY, 2010, p.20).

Apesar da tentativa de Riley em resgatar a Alegria, é a Tristeza quem precisa ser vivenciada naquele momento, e foi justamente através dessa emoção que Riley pode entrar em contato com seus afetos.

Tristeza e Alegria aparecem contracenando juntas em vários momentos do filme, mas talvez o momento mais importante, que traduz a mensagem do filme e que tem tudo a ver com a Psicologia Analítica seja a cena em que ambas controlam juntas as emoções de Riley. Tristeza está no comando das emoções quando Riley volta para casa e fala com os pais sobre seu descontentamento e sua tentativa de retorno à Minnesota. Nesse momento Alegria entrega à Tristeza a memória base triste do primeiro dia de aula de Riley em San Francisco, e Tristeza, por sua vez, leva Alegria para o painel de controle, para que as duas possam atuar juntas. Tanto a Alegria quanto a Tristeza estão presentes e atuantes naquele momento, o que possibilita a criação de um novo tipo de memória base, agora com duas cores combinadas.

Essa reunião dos opostos promove harmonia, e as emoções são capazes de trabalharem juntas. Essa nova dinâmica só passa a ser possível após diversas etapas anteriores, que são necessárias para que o encontro entre os opostos aconteça. Primeiro precisaram se separar, se diferenciar, ambas serem vividas para depois caminharem juntas. Ambas as emoções assumem um papel de mesma importância, e são fundamentais para o equilíbrio e funcionamento emocional da menina.

JUNG (2013, OC XVI/1, § 185) defende a harmonia entre os opostos ao afirmar que: “[...] A totalidade, a plenitude da vida exige um equilíbrio entre sofrimento e alegria.”

Diferente do início do filme, e da infância de Riley, agora não há somente uma emoção atuando isoladamente e nem tampouco há o protagonismo exclusivo de uma emoção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desenhos e as animações fazem parte do universo infantil, e por que não adulto, de grande parte das pessoas. É difícil encontrar alguém que nunca tenha visto, ou ao menos ouvido falar de alguma animação, talvez porque essa categoria seja mais acessível, com uma linguagem mais direta, cenários e personagens marcantes e roteiros envolventes. Crianças costumam ter uma animação favorita, que inclusive assistem inúmeras vezes até decorarem as músicas e falas do filme. Falar de cinema, de animação é falar também de Psicologia Analítica, imaginação e projeção de vivências humanas.

As projeções dos dramas humanos no cinema dizem respeito aos conteúdos arquetípicos; temáticas que são tipicamente humanas e que aproximam os espectadores, pois apresentam pontos em comum. A temática das emoções, que é o caso do filme *Divertidamente* e que foi ponto fundamental desse trabalho, é um conteúdo arquetípico, comum a toda espécie humana, independente de idade, cultura ou época.

As emoções estão atuando o tempo todo, controlando as pessoas, como em *Divertidamente*. Para a Psicologia Analítica as emoções fazem parte dos complexos que compõe a psique e estão em constante atuação. Apesar de estarem agindo o tempo inteiro, os complexos não são expressados de maneira universal, mas sim agem de forma particular. Cada pessoa reage de uma forma, dependendo do complexo que foi constelado na situação em questão e também da história e experiências de vida.

Dentre o universo vasto de emoções existentes, a alegria e a tristeza talvez sejam duas das mais conhecidas e primeiramente vividas. O par de opostos em questão foi o foco principal desse trabalho, especialmente por estabelecerem uma dinâmica de oposição e complementariedade no filme *Divertidamente*, retratando exatamente o equilíbrio que os opostos assumem. Para a Psicologia Analítica os opostos são um ponto chave, uma vez que a psique humana é um sistema autorregulador, assim como todo o organismo humano, e busca sempre o equilíbrio e compensação dos opostos.

Falar de tristeza em tempo de redes sociais, em que a alegria e sorrisos são supervalorizados torna-se muito importante. Em geral, a tristeza costuma ocupar o lugar de algo a ser evitado, sendo assim negada. O filme

Divertidamente traz uma mudança importante nessa dinâmica: inicialmente a emoção principal da menina protagonista é Alegria, mas frente às diversas mudanças – externas e internas – as outras emoções passam a aparecer mais, inclusive Tristeza. A personagem Tristeza, antes passiva e destinada aos manuais e atividades desinteressantes no painel de controle das emoções de Riley, ao final do filme tem seu lugar e importância reconhecidos. E é somente quando Tristeza tem seu espaço estabelecido que as emoções da menina Riley transformam-se em emoções mais complexas, com a combinação de emoções.

Dessa forma, o filme Divertidamente resgata a importância da vivência dos dois pólos dos opostos. Afinal, só é possível experienciar a alegria quando a tristeza é sentida.

“A totalidade, a plenitude da vida exige um equilíbrio entre sofrimento e alegria. Mas como o sofrimento é positivamente desagradável, é natural que se prefira nem conhecer a medida do medo e inquietação para a qual o homem foi criado. É por isso que se diz sempre, benevolentemente, que tudo vai melhorar, que se vai alcançar a maior felicidade do mundo, sem pensar que a felicidade também está contaminada, enquanto não se completar a dose de sofrimento.” JUNG, 2013, OC XVI/1, § 185)

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Como nasceu a alegria**. São Paulo: Paulus, 1997.

BERRY, Patricia. **O corpo sutil de Eco: contribuições para uma psicologia arquetípica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

CUNHA, Juliana. Como “Divertida Mente” e “Relatos Selvagens” no ensinam a lidar com emoções. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 19 jun. 2016. Ciência. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2016/06/1783066-como-divertida-mente-e-relatos-selvagens-nos-ensinam-a-lidar-com-emocoes.shtml>> Acesso em: 05 de ago. 2016.

EDINGER, E. **Anatomia da Psique**. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

HILLMAN, James. **Re-vendo a psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Suicídio e Alma**. Trad. Sônia Maria Labate. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na Psicologia de C. G. Jung**. São Paulo: Cultrix, 1987.

JUNG, C. G. **A natureza da psique**. OC VIII/2. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **A prática da psicoterapia**. OC XVI/1. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **A vida simbólica**. OC XVIII/1. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Mysterium Coniunctionis: pesquisa sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na Alquimia**. OC XIV/2. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. OC IX/1. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Psicologia e Alquimia**. OC XII. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Psicologia e religião oriental**. OC XI/5. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Psicologia do Inconsciente**. OC VII/1. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Seminários sobre sonhos de crianças: sobre o método de interpretação dos sonhos; interpretação psicológica dos sonhos de criança**. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Tipos psicológicos**. OC VI. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **As emoções no processo psicoterapêutico**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MONTEIRO, Dulcinéa da Mata Ribeiro (coord.). **Jung e o cinema: psicologia analítica através de filmes**. Curitiba: Juruá, 2012.

POTKAY, Adam. **A história da alegria**. Da Bíblia ao Romantismo tardio. Trad: Eduardo Henrik Aubert. São Paulo: Globo, 2010.

SAMUELS, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Fred. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.